

Perde terreno o Brasil no mercado internacional do café

No ano findo de 1956, perante uma produção mundial de café estimada em 50,3 milhões de sacas e uma disponibilidade para exportação de cerca de 45,5 milhões, o Brasil viu reduzida sua contribuição de 70%, antes da segunda guerra, a 45% nas importações mundiais estimadas em 38,5 milhões.

O período de decadência em que entrou a cafeicultura brasileira deu lugar a uma penetração sucessiva dos cafés africanos nos principais mercados mundiais e, conseqüentemente, a um maior desenvolvimento desta cultura nos respectivos produtores, entre os quais se destaca Angola.

Os cafés da África, com uma participação de 10 milhões de sacas, em 1956, elevaram a média de 8%, anterior ao segundo conflito mundial, para 25% no último ano.

Este aumento foi de tal forma a ultrapassar as produções da Colômbia e América Central, que se fizeram representar respectivamente com 6,5 e 6 milhões.

Nos 10 anos que precederam a última guerra, os cafés africanos somente concorriam com cerca de 2,3 milhões de sacas contra 21,7 milhões relativos ao consumo mundial.

A partir de 1940-41, e no início da queda da nossa produção, começou a notar-se o declínio das disponibilidades mundiais para exportações que, a pouco a pouco, deixaram de corresponder às necessidades de consumo, que evoluiu em alta que se tornou mais acentuada do pós-guerra até o presente.

No período de 1938-39 a 1955-56, observou-se portanto uma depressão na produção mundial exportável, que, de 38 milhões de sacas naquele primeiro ano, chegou a 22,1 milhões em 1944-45, para, então voltar a subir gradualmente, sem contudo atingir aquele volume, a não ser na safra de 1955-56 em que, como já foi dito, ultrapassou com os seus 43,5 milhões de sacas.

Estas oscilações da produção, não foram acompanhadas pelo consumo mundial, que passou de 25,9 milhões em 1938-39 para 28,5 nos dois anos seguintes, depois do que entrou em declínio para novamente regressar à franca ascensão, desde 1945-46, voltando então a atingir aquela quantidade.

Faça a esta conjuntura, e portanto, de uma maior procura do produto e de uma conseqüente elevação das cotações, os restantes países produtores devam incremento às suas culturas, afim de proverem às necessidades mundiais e se formarem nos principais mercados consumidores, apresentando assim o declínio da produção brasileira e a hesitação demonstrada pelos respectivos cultivadores após as sucessivas crises que, em anos anteriores tivemos de suportar.

Dêste modo, a média da produção do café africano, de 4,3 milhões de sacas em 1946-51 elevou-se a 8,6 milhões em 1955-56, o que corresponde a um aumento de 100%.

As mesmas diretrizes tomadas, visando o fomento da cultura cafeeira pela África, vêm sendo observados pelos demais produtores da América entre, os quais destacou-se a Colômbia, México, Cuba e República Dominicana, que obtiveram aumentos mais substanciais correspondentes a 0,96, 0,441 e 0,34 e 0,26 milhões de sacas respectivamente.

Na Ásia destacou-se a Indonésia com 1,19 milhões, contra uma média de 0,48 em 1946-51.

Devemos nós brasileiros estarmos atentos afim de evitar as crises da nossa principal fonte de divisas de vez que os demais produtores cafeeiros estão prontos a ingressar no mercado internacional com tantas quantas as que deixamos de exportar.

Diga-se ainda que o café Africano tem encontrado amplas facilidades para entrar no mercado mundial de vez que os seus preços de lavoura são os mais baixos de que se tem notícias.